

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 14 de julho de 2025 às 07h53
Seleção de Notícias

Folha de S. Paulo | BR

Patentes

RONALDO LEMOS	3
RONALDO LEMOS	

Correio Braziliense - Online | BR

13 de julho de 2025 | Patentes

Como as tarifas dos EUA podem afetar os medicamentos	5
---	----------

RONALDO LEMOS

RONALDO LEMOS

arifas são o preço pago pela estagnação

A economia do Brasil falhou em se diversificar e ampliar sua complexidade

Ronaldo Lemos

A carta que anunciou tarifas de 50% sobre produtos brasileiros exportados para os EUA menciona a Seção 301 da Lei de Comércio Exterior. Esse dispositivo é um velho conhecido do Brasil. Já foi usado para pressionar o país com relação a diversas questões comerciais, parte delas com sucesso. É perturbador que esteja sendo usado agora para pressão política.

O dispositivo dá poderes ao Escritório de Comércio para impor sanções unilaterais (como tarifas) contra os países. O Brasil foi pressionado com esse instrumento nos anos 1990 porque não reconhecia **patentes** de medicamentos. Sob pressão, o país reagiu em pânico. Aprovou a lei de **propriedade** intelectual de 1996 e reconheceu as **patentes** para medicamentos, o que é positivo. Só que no afã de agradar aos EUA, abdicou de todas as flexibilidades que o Brasil poderia exercer sob a OMC (Organização Mundial do Comércio) para fabricar medicamentos **genéricos**.

O resultado foi desastroso. A Índia, por exemplo, não abriu mão do direito de fabricar genéricos e construiu a maior indústria do mundo nessa área. Vende hoje 47% dos genéricos consumidos nos EUA. Já o Brasil ficou para trás e levou anos para começar a se recuperar.

Por falar em Índia, por que os EUA se sentiram tão à

vontade para tariffar de forma agressiva o Brasil, um país com superávit comercial? Talvez justamente por conta da nossa estagnação econômica, inclusive dentro do bloco dos Brics. Em 2010, ano seguinte à criação dos Brics, o PIB do Brasil era de US\$ 2,2 trilhões. O da China era US\$ 6 trilhões, a Índia US\$ 1,6 tri, a Rússia era US\$ 1,5 tri. A África do Sul não fazia parte do bloco criado pelo economista Jim O'Neill. Foi colocada só depois.

A aposta do economista era que esses países cresceriam enormemente e se tornariam centrais. Ele acertou na mosca. Exceto com relação ao Brasil. Quinze anos depois da criação dos Brics, o PIB da China é hoje de US\$ 19 trilhões. O da Índia é US\$ 4,2 tri e a Rússia de US\$ 4 tri. O do Brasil diminuiu para US\$ 2,17 trilhões.

Essa é uma posição de enorme fragilidade. A economia do país falhou em se diversificar e aumentar sua complexidade, dependendo hoje da extração direta da natureza. Com a exceção louvável da Embraer, vendemos para os EUA (e para boa parte do mundo) café, ferro-gusa, suco de laranja, petróleo bruto e açúcar. Itens que o Brasil não tem impacto significativo na formação do preço e que sofrem com o avanço de novos concorrentes (por exemplo, o café do Vietnã).

Por isso é estarrecedor que nossa reação às tarifas impostas ao Brasil tenha sido de ficar procurando quem é o culpado. Que vergonha. Em vez de perguntar "de quem é a culpa?", o país deveria perguntar "o que fazer?". E há muito por fazer.

Vou dar dois exemplos. Desenvolver com urgência a produção e o beneficiamento de terras raras, recurso

Continuação: RONALDO LEMOS

estratégico global. Foi a dominância em terras raras que permitiu à China negociar com os EUA a reversão de tarifas. O Brasil também tem terras raras essenciais. Só não tem rumo.

Segundo, acordar para a gigantesca dependência digital do país com relação aos EUA. Hoje 60% da carga digital brasileira está hospedada em datacenters no estado da Virgínia, nos EUA. Isso inclui sites, aplicativos, comércio eletrônico, operações bancárias,

Pix e até serviços públicos como o SUS (Sistema Único de Saúde). O país precisa cair em si sobre a importância de ter sua própria infraestrutura digital.

Enquanto continuarmos estagnados brigando entre nós para achar culpados em vez de agir com sabedoria e velocidade, seremos cada vez mais mariola de outros países.

Como as tarifas dos EUA podem afetar os medicamentos



A recente imposição de tarifas de 50% por parte dos Estados Unidos sobre produtos brasileiros não gera preocupação imediata para a Indústria Farmacêutica no Brasil, uma vez que o país não tem tradição de exportar medicamentos para o mercado norte-americano. No entanto, a possibilidade de retaliação econômica por parte do governo brasileiro levanta preocupações quanto ao possível aumento de impostos sobre medicamentos importados dos EUA. Tal ação poderia afetar negativamente o sistema de saúde nacional, em especial produtos de alta complexidade que dependem de insumos estrangeiros.

O Ministério da Saúde do Brasil, através de seu representante Alexandre Padilha, declarou que não existem planos para a **quebra** de patentes em retaliação às medidas tarifárias dos EUA. Ainda assim, a mera discussão sobre essa possibilidade já preocupa associações como a **Interfarma**, que representa grandes laboratórios farmacêuticos internacionais. A ameaça de licença compulsória ou alteração nos direitos de patentes dos medicamentos pode impactar a confiança e os investimentos dessa indústria no país.

Como a Indústria Farmacêutica reage a possíveis retaliações?

As restrições econômicas vindas dos EUA colocam em xeque a dependência das indústrias brasileiras de importações, principalmente no setor de saúde. Apesar de algumas soluções, como a substituição de for-

necedores por outros países como China e nações europeias, serem possíveis, a cadeia produtiva do país ainda se ressentir dessa dependência. Segundo especialistas, essa situação coloca uma pressão adicional sobre o preço dos produtos e, consequentemente, sobre a inflação no setor de saúde.

O que a instabilidade tarifária significa para a importação de insumos de saúde?

medicamentos - Créditos: depositphotos.com / SergIllin

O Conselho de Administração do Instituto Coalizão Saúde (ICOS) revela que mais de 70% dos produtos necessários à saúde são importados, tornando o sistema altamente vulnerável a flutuações econômicas. A oscilação cambial agrava ainda mais a situação, influenciando diretamente nos custos. Segmentos da saúde que dependem de alta tecnologia, como equipamentos de diagnóstico, são apontados como os mais vulneráveis às mudanças tarifárias.

Qual é o impacto no setor de tecnologia médico-hospitalar?

O setor de tecnologia médico-hospitalar destaca-se como um dos mais afetados, devido à sua alta dependência de componentes importados. Mesmo que a saúde assistencial, incluindo hospitais e clínicas, sinta a pressão de forma mais indireta, o aumento nos custos operacionais poderá reduzir as margens financeiras dessas instituições. A busca por fornecedores alternativos ajuda a mitigar esses impactos, mas não elimina a vulnerabilidade econômica geral do setor.

Continuação: Como as tarifas dos EUA podem afetar os medicamentos

A incerteza gerada pela possibilidade de medidas retaliatórias e a instabilidade econômica traz preocupações não apenas aos investidores, mas também à continuidade dos avanços na saúde no Brasil. Esses fatores somam-se às complexidades de um sistema que depende profundamente de uma vasta rede de importações para manter seu funcionamento e sua capacidade de inovar e progredir.

Índice remissivo de assuntos

Patentes

3, 5

Propriedade Intelectual

3